

A saúde mental, definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como o “estado de bem-estar em que o indivíduo está ciente de suas próprias habilidades, pode enfrentar as tensões normais da vida, pode trabalhar de forma produtiva e frutífera e é capaz de contribuir com a sua comunidade”, tem ganhado cada vez mais espaço nos debates do setor de saúde suplementar e na sociedade de forma geral.

Na última semana, [aqui no blog](#), falamos um pouco sobre as doenças mentais e como elas abrangem um espectro amplo de transtornos com fontes diversas, desde aquelas com origem genética, como a Síndrome de Down, até aquelas desenvolvidas em consequência de fatores socioculturais, cenário político-econômico e fatores ambientais – ou seja, doenças desencadeadas em função do ambiente em que o indivíduo convive.

Nesse cenário, uma das frentes mais importantes a ser considerada é a profissional. Especialmente se consideramos que o brasileiro passa pouco mais de 1/3 de seus dias úteis (de segunda-feira a sexta-feira) trabalhando – de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), somos um dos países em que mais se trabalha no mundo: são 44 horas semanais contra 40 horas nos EUA, 38 horas na Austrália e 35 horas na França. Para ver quantas horas semanais são trabalhadas em cada País, confira o mapa interativo (abaixo) feito pelo repórter Felipe Germano para a [Super Interessante](#).

Alcançar equilíbrio entre produtividade e gestão da saúde é um grande desafio. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a depressão e a ansiedade geram, atualmente, US\$ 1 bilhão em perda de produtividade por ano à economia global e o montante tende a avançar, já que, em 2020, a depressão deve assumir o segundo lugar no ranking de doenças incapacitantes, atrás apenas de problemas cardiovasculares. Além disso, a entidade aponta que pessoas com doenças mentais estão mais suscetíveis ao desenvolvimento de doenças crônicas e vice-versa.

Até por isso, as doenças mentais já figuram como o terceiro fator de risco à saúde das pessoas, segundo o [Relatório Global de Tendências Médicas](#) que a Mercer Marsh acabou de publicar. Os dois primeiros são problemas metabólicos/cardiovasculares e questões ligadas à alimentação.

A pesquisa alerta que ainda há problemas para a captura precisa de dados sobre o assunto devido ao preconceito e barreiras culturais. Alguns estudos, contudo, começam a trazer luz para o assunto e indicar uma realidade que precisa ser analisada com mais atenção. Uma pesquisa em Hong Kong, por exemplo, indica que 37% da força de trabalho local teve/têm problemas relacionados à saúde mental. Os números estão em linha com o levantamento da própria Mercer no Reino Unido, que aponta que 1 a cada 3 trabalhadores já foi diagnosticado com uma doença mental.

Entre os fatores que podem incentivar o desenvolvimento de problemas mentais no trabalho estão assédio (moral, laboral e sexual), estresse, instabilidade econômica e sedentarismo.

O relatório da Mercer ainda aponta que os empregadores estão, paulatinamente, se tornando mais conscientes e preocupados em oferecer apoio e implementar políticas de promoção de saúde para evitar o desenvolvimento destes problemas. Nesse sentido, recomendamos rever a apresentação sobre “[Programas de promoção da saúde que funcionam nas empresas](#)”, feita por Alberto Ogata, avaliador do Prêmio IESS de Produção Científica em Saúde Suplementar na categoria Promoção da Saúde, Qualidade de Vida e Gestão em Saúde, durante o 3º Seminário IESS de Promoção de Saúde nas Empresas. E, claro, se você tem um trabalho nessa linha de pesquisa, não deixe de inscrevê-lo no IX Prêmio IESS. [Conheça o regulamento](#).

**Fonte:** [IESS](#), em 26.08.2019.